

Da minha biblioteca

«A beleza é o grau mais elevado da verdade», Os Memoráveis, de Lídia Jorge



Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Foi um prazer ler o último romance de Lídia Jorge, editado em março último, pela Dom Quixote.

E as razões foram muitas.

Porque fala de um dia da nossa história que me diz bastante: o 25 de abril de 1974. Apesar de ter dele apenas uma vaga ideia, foi sendo sempre falado na minha família e faz parte do meu presente.

Porque reconheço grande parte da história ali contada, fazendo-me sentir cúmplice, quer do texto, quer dos acontecimentos.

Porque o romance é um género que faz falta para contar a História. É um modo de chegar a muito mais gente que, depois de o ler (ou enquanto o vai lendo), vai ter vontade de ir procurar os outros livros – os de História não romanceada – para aprender sobre as horas daquela noite de 24 para 25 e sobre os seus protagonistas. Apesar da «transfiguração literária», como se lê na nota de edição, quem sabe se não os reconhecerá?

E saltando muitas outras razões, porque é um livro muito bem escrito. As pontas que vão sendo soltas ao longo da narrativa juntam-se em outros momentos, completando quadros de sentido. Ana Maria Machado, a narradora, como participante da história, sabe tanto como nós sobre o que pensam as outras personagens, mas sabe um bocadinho mais do que, em



A escritora algarvia Lídia Jorge e a capa da sua última obra, 'Os Memoráveis'

certos momentos, conta. Por exemplo, quando a equipa de reportagem entrevista a viúva de um dos capitães de Abril (que percebemos ser Salgueiro Maia, apesar de apenas ser referido pela sua «alrunha doméstica», isto é, pelo nome que a mãe de Ana Maria lhe dera: Charlie 8) e tenta conseguir que esta diga quem queria mal ao marido, perante a relutância em acusar alguém, a «Machadinha» afirma «Nós sabíamos, mas não tão bem como ela, que as vinganças de que foram vítimas ele e os outros como ele, tinham tido autores concre-

tos, nomeáveis, intérpretes e responsáveis, colocados no topo das estruturas criadas num país onde passara a haver liberdade para legitimar tudo e o seu contrário» (p. 249).

«A beleza é o grau mais elevado da verdade. Não se esqueça»

Estas palavras, nas últimas linhas da primeira parte do livro (da pp. 11-43, que se passa nos E.U.A., em 2003), intitulada «A Fábula», vão fazer todo o sentido com a última parte, o «Argumento» (pp. 331-342, datado de 2010). Este é um momento introdutório que nos ajuda a criar um retrato da per-

narradora em contar a história, em querer fazer parte da história, em falar da sua história.

Esta é uma narrativa muito inteligente, por não nos contar tudo de uma vez, por nos obrigar, tal como acontece às personagens, a rever as nossas opiniões e os nossos sentimentos.

A recusa de Ana Maria não é simples (e só a compreenderemos no fim) e desenvolve-se a vários níveis: ainda na América, não quer recordar a língua portuguesa nem aceitar o trabalho para a CBS, de fazer uma reportagem sobre «alguma coisa boa, alguma coisa limpa, uma narrativa luminosa na qual uma pessoa se reveja. Eles andam por aí a dizer o contrário, mas olhe

que mais importante do que a verdade é a beleza, a beleza é o grau mais elevado da verdade. Não se esqueça» (p. 43). A necessidade deste desafio do ex-embaixador em Lisboa (que podemos identificar com Frank Carlucci) foi explicada por ele da seguinte forma: «a entidade luminosa [referida nesta parte do texto como «anjo da alegria», «o anjo amigo da humanidade» ou «o anjo da paz»] raramente sobrevoa a Terra e mal acontece logo desaparece deixando o mundo às escuras, fazendo nós mesmos parte dessa escuridão. Juro-lhe, nós mais não somos do que um desenho que se move na escuridão» (p. 24).

A imagem que vamos construindo de Ana Maria não é a mais simpática: uma pessoa um pouco distante, um pouco fria, um pouco calculista. Não percebemos, por exemplo, das primeiras vezes que refere Rosie Honoré, companheira do pai, que esta é a sua mãe.

Já em Lisboa, Ana Maria recusa-se a dizer ao pai o que

faz, porque se recusa a uma (re)aproximação: não pergunta nada, para que ele não lhe pergunte; sem sua autorização, retira uma fotografia antiga do escritório do pai, para sugerir memórias nos entrevistados (que conheceu em criança, mas junto de quem não se identifica).

No final, tal como ela terá de o fazer em relação ao seu próprio passado – e ao seu presente, compreendido no «Argumento» –, também nós somos confrontados com a necessidade de reavaliarmos os julgamentos que fizemos de Ana Maria.

Quanto às personagens, de quem nos recordaremos?

Memoráveis no Memories

Memoráveis, porque dignos de memória. Foi também este o nome por que os escritos de Xenofonte (escritor grego do século V-IV a.C.) sobre os feitos de Sócrates, ficaram conhecidos.

Memoráveis, aqueles que estavam na fotografia tirada no restaurante alcunhado como Memories? Memoráveis, porque as suas memórias, por vezes precisas e exatas, nos fazem falta? Memoráveis os feitos? Memoráveis os homens?

Da «Viagem ao coração da fábula» (pp. 45-329) fica a necessidade da triagem: de quem vale a pena recordar e o quê: se as palavras, se os gestos, se a imagem. De alguns, nada, quer porque nem os querem ouvir, quer porque demonstraram um egoísmo insuportável (como os poetas); do que se quer herói, «advogo que o mito não diga palavras (...)». Quando se está assinalado pela história, falar é um risco dispensável» (p. 337).

A escolha do argumento para o episódio da CBS é também uma escolha para Portugal: escolher a beleza, porque a verdade é demasiado feia e triste; escolher a beleza, porque traz esperança de que os milagres, na expressão de um agnóstico, são possíveis.



“CHAMINÉS ALGARVIAS”

Até 11 MAI | Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira

Exposição fotográfica da autoria de Abel da Silva que contempla imagens de chaminés típicas da região recolhidas de casas em ruínas ou abandonadas por todo o concelho de Albufeira



“OS IDIOTAS”

24 MAI | 21.30 | Auditório Municipal de Olhão

No mundo d'Os Idiotas, o facebook deixou de ser virtual e as pessoas, mesmo as 'supostamente normais', trocaram as gargalhadas por uma dúzia de LOLs. Aldo Lima, José Pedro Gomes, Jorge Mourato e Ricardo Peres dão vida aos 'idiotas'